

Morte da mídia

J. Roberto Whitaker Penteadó

Nossa história será o que faremos dela. Ed Murrow

Está nas locadoras um filme curioso: chatinho, em preto-e-branco, parece documentário e começa e termina com um discurso. Seu título é Boa Noite e Boa Sorte ("Good Night, and Good Luck", Warner, 2005). Trata, sobretudo, do embate entre o âncora da rede CBS, Edward R. Murrow e o senador pelo estado de Wisconsin, Joseph McCarthy um alucinado que acusava todo mundo de ser comunista ou simpatizante, no início dos anos 50, e chegou a ser levado a sério.

Se o filme é chato, também é fascinante, porque mostra um espécime cada vez mais raro de ser humano: o idealista, desafiando e enfrentando o establishment na perseguição do que sua consciência considera como certo. Talvez não tivesse chegado ao circuito das exibidoras e locadoras, não fosse pela direção sensível de George Clooney, ator atualmente em evidência.

O resultado do embate é conhecido e previsível, mesmo para os não familiarizados com aquela fase terrível de caça a bruxas imaginárias. McCarthy perde e sofre uma investigação das suas investigações. Como ocorre hoje no nosso congresso recebeu uma reprimenda, mas não foi cassado.

O que mais me impressionou, contudo, foi a reprodução de um discurso feito por Murrow (interpretado por um David Strathairn que fuma sem parar), em outubro de 1958, diante da Associação dos Diretores de Rádio e Telejornalismo. As rápidas cenas, reproduzindo citações literais do discurso, são simplesmente arrepiantes. Descobri que o texto está na internet em inglês em <http://www.rtnda.org/resources/speeches/murrow.html> e em tradução para o português em [http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod="372TVQ002#"](http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=)

Essencialmente, naquele mês de outubro, há quase meio século, Murrow alertava seus pares para o perigo de a TV e o Rádio se tornarem meras máquinas de entretenimento, abrindo mão do dever de levar ao público norte-americano informação e interpretação objetivas dos fatos. "Dentro de 50 anos", dizia, "os historiadores que examinarem os cinescópios (sic) atuais de 3 semanas de programação sobretudo no horário de 8 às 11 da noite só constatarão evidências de decadência, escapismo e isolamento das realidades do mundo em que vivemos".

O presciente Murrow só não adivinhou que os "historiadores" contemporâneos não teriam necessidade de pesquisar cinescópios antigos; mas que bastaria checar os conteúdos da mídia atual, para constatar que suas funções educacionais e informativas reduziram-se a meia dúzia de veículos, geralmente impressos e acessíveis apenas a uma elite intelectual. No rádio, na TV e mesmo na maioria dos jornais e revistas o que predomina é o entretenimento travestido de sensacionalismo, de "notícias" elaboradas no tamanho da percepção de Homer Simpson acanalhado personagem que Murrow não conheceu e na tautologia sombria do Big Brother, requinte máximo do nada elevado a coisa alguma.

Já aconteceu. E não fosse o inesperado nascimento da internet teríamos a registrar a morte da mídia.

Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=180&ID=338>>.
Acesso em: 5 ago. 2009.